

Dentro da série de reportagens que vem sendo realizadas na "Casa do Virgílio", trago esta semana; ZAMA, um dos mais expressivos nomes das artes plásticas no Brasil.

— Comecei quando um dia resolvi pintar uma parede da minha casa com motivos brasileiros, então chegou uma prima lá em casa e disse: "Quem pintou essa parede"?

— Eu.

Ela perguntou. — "Mas você estudou"?

— Não, cismeiei de pintar a parede e pinte.

Ela disse. — "Menina você está se perdendo! Porque não procura um curso"?

— Então me inscrevi no Curso de Técnica de Pintura do MAM, daí continuei; primeiro fui aluna de Lazzarini nesse curso, depois passei para a turma de Ivan Serpa, onde então comecei o desenho. A turma do Ivan funcionava da seguinte forma: desenhávamos em casa e levamos o trabalho para crítica, então me fixei mais no desenho, apesar de ter feito pintura, gravura e escultura em acrílico.

Me fixei mais no desenho porque era mais fácil de guardar, na época eu morava num apartamento menor, então por falta de espaço, o desenho sendo em folha de papel poderia guardá-lo. Já a pintura me causava muitos problemas. Sempre gostei de tudo, não tenho preferência, fiquei no desenho porque era mais prático diante do espaço que tinha a minha disposição.

— Andei algum tempo me dedicando a escultura, mas agora retornei ao desenho.

— Não acho boa a situação da arte atualmente aqui no Brasil, poucos têm condição de viver da arte; na verdade no Brasil não existe mercado, a gente não pode entender por mercado meia dúzia de pessoas que compram arte, então não temos mercado e sim uma inflação de artistas ou pseudo-artistas; o povo brasileiro não está acostumado com arte, ele não tem aquela cultura artística, porque não está acostumado como os europeus, que quando criança são habituados a visitar museus, galerias e vão compreendendo e aprendendo sobre arte.

— No Brasil tal não acontece — continua ZAMA, a pessoa passa a vida inteira sem ter conhecimento de arte, então, repentinamente por status ou por sentir-se despertado para a arte começa a se interessar por ela e chega a conclusão que não entende nada; começam a dar preferência a uma arte mais fácil que pode ser boa ou não, e não podem nunca chegar ao nível de uma arte mais adiantada.

— Quanto a galeria de arte, a verdade é que ela é mais comercial; vê muito mais este lado que o da arte, então ficamos na mesma, pois a meu ver a função dessas casas não deveria ser só comercial e sim comercial também, mas não é o que acontece. Eu não quero dizer com isso que não tenham bons artistas que sejam comerciais e sim que existem bons artistas que não o são.

— Eu acho que as galerias podiam fazer umas exposições que não fossem muito comerciais, que fossem de arte de primeira linha, não é que elas não o façam, porém, não tem a preocupação de educar o povo, elas fazem só com o intuito de obter gabarito

para si, para ninguém dizer que elas só fazem comércio. Se ela se intitula galeria de arte, ela tem um compromisso com a arte, se ela se intitula uma casa de comércio que vende quadros, é outra coisa.

Sobre estilo, continuou ZAMA: — Minha fase anterior era surrealista, se bem eu nunca me joguei cem por cento surrealista, devido o seu conceito; que é uma coisa do inconsciente, o que a pessoa não tem consciência. A minha obra nunca foi assim, ele era toda baseada em críticas de situações, de coisas que eu sabia que aconteciam, de coisas que não precisavam ter se passado comigo, coisas passadas com outros que eu vinha a saber e me provocavam uma reação que eu transpunha ao meu desenho, como uma crítica.

— Agora estou numa fase que chamo "Umbilical", exploro esse tema por ser o mais controvertido do momento: é o choque das gerações. Esse tema estou explorando através de dois símbolos, a corda (o cordão umbilical) e o buraco de fechadura (o símbolo feminino), simplificando e explorando.

— Já participei do Salão Nacional, da Bienal, tive dois prêmios em pintura, dois em escultura, quatro em desenho, este ano mandei para dois salões e tive dois prêmios, um em Jundiá e outro em Piracicaba, já fiz exposições individuais aqui e na Alemanha.

ZAMA acha importante para quem está iniciando, a autenticidade acima de tudo, pois a arte deve ser de dentro para fora e não de fora para dentro.

— Muita gente pensa que pintura moderna é uma coisa fácil, que seu filhinho pode fazer, mas não é nada disso. Pois quando na pintura moderna a gente deforma um desenho ou uma pintura, é uma deformação consciente. Eu por exemplo que sempre usei muito o corpo humano, estudei-o em livros de Medicina para poder deformá-lo colocando seus músculos, ossos na posição que quisesse a deformação. Não é a mesma coisa que uma pessoa que não sabe desenhar e o desenho sai errado, pois deformação consciente é um desenho correto.

Quem quer fazer tem que estudar, tem que conhecer a fundo a forma, seja lá o que for.

Quanto a arte industrial, disse-nos Zama: — Existe muita controvérsia entre arte que a gente faz e que manda fazer. O artista independe disso, pois uma coisa é a gente ser artista e outra é ser artesão. A pessoa pode ser artista e também ser artesão, mas a pessoa pode ser artista e não ser artesão, eu por exemplo sou as duas coisas, sou artista e artesã quando faço pintura, desenho e gravura e quando faço escultura sou artista mas não sou artesã, pois não tenho necessariamente obrigação de ter uma oficina montada em minha casa.

— Arte é criação, o resto é manipulação da coisa, é o artesanato. A arte industrial, que são os múltiplos, etc., feita de vários objetos que a pessoa manda fazer, não invalida o artista, pois quem "bolou", quem criou é o artista.

— A arte deve ser olhada como criação, é autenticidade. A hora da arte é a criação.

Quanto a "Casa do Virgílio" Zama considerou ótima, pois quanto mais lugares de arte forem criados, melhor para o povo pois arte é cultura.